SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO

ANO XXXIX
Números 454 e 455
30 de Setembro
1983

Mensário — Órgão oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal
Rua Saraiva de Carvalho, 97 — 1200 LISBOA

Avulso: 20$00

A ETERNA ESPERA

pelo Professor A. Álvaro Dória

Os meus possíveis leitores devem ter lido o excelente artigo do meu camarada *(honni soit qui mal y pense...)* Joel Ribeiro, publicado no passado nº deste jornal, escrito em tom familiar, acessível portanto às inteligências menos evoluídas (como hoje é uso dizer-se), oferece vários aspectos por que deva considerar-se, um dos quais, talvez o mais frisante, seja o do nosso habitual "desleixo" (esse "desleixo" há mais de 60 anos salientado pelo falecido e ilustre lusófilo inglês Aubrey Bell), que vulgarmente se traduz por "deixar correr à espera de melhores dias"...

Não pretendendo focar todos os aspectos a que Joel Ribeiro acertadamente se refere, porque isso daria a este artigo dimensões por demais extensas, limitar-me-ei por isso a falar apenas daquele a que o vulgo chama a Sorte Grande, e a mim se me afigura um dos últimos avatares do famoso Sebastianismo.

Naturalmente não aludirei à origem da lotaria da Santa Casa da Mesericórdia, que vem, salvo erro, dos fins do século XVIII e sempre teve uma finalidade benemerente para garantir a continuidade da bela acção das Misericórdias no aspecto do auxílio médico-hospitalar aos necessitados, de acordo com o pensamento da fundadora dessas instituições, a rainha D. Leonor, nos fins do século XV. Embora a lotaria apele sobretudo para a ambição pessoal do ganho sem trabalho, nem por isso a sua função deixa de ser simpática.

Modernamente, e à imitação do que há bastantes anos se faz na Itália, tem estado em competição com a lotaria o "totobola", embora, ao que suponho, o fim deste não tenha o aspecto altruísta da taria.

Seja como for, repito, não é minha intenção discutir a razão ou sem-razão dessas duas formas que o redivivo Sebastianismo reveste hoje entre nós.

Quem joga (porque isso é um "jogo") na lotaria e/ou no totobola não o faz por altruísmo ou por caridade, mas única e simplesmente por ambição de ganhar, tal como ao apostar num número da roleta ou de outro jogo de azar. Em princípio a ambição de "ganhar" pode considerar-se legítima, porque tem sido ela que, em casos numerosos, tem impulsionado o avanço do progresso. Há, porém, que ver onde acaba a legitimidade e começa a ilegitimidade. Pessoalmente, pendo a crer que esta se inicia quando o jogo degenerou em "paixão", essa paixão culpada de tantos fracassos económicos, de tantas ruínas, de tantos suicídios, de tantos crimes.

Será legítimo ter "ambição"? Não me parece desacertado citar o velho e epicurista Horácio, poeta e amigo do imperador Augusto há mais de 2000 anos, quando escreveu: *est modus in rebus,* ou, em português chão: tudo se quer na justa medida, ou, no meio é que está a virtude.

Porque, convenhamos, o Português quer ganhar para enriquecer, e quer enriquecer para se entregar ao lazer deixando o trabalho, que é a lei da Vida e ele considera pesada *corvée*. Estamos mesmo a atravessar uma época que me parece paradoxal: nunca se viram entre nós tantos "trabalhadores" e jamais se viu tão pouco *trabalho*. E também nunca houve tantas reivindicações salariais. Entretanto, a inflação (que tem as costas largas...) vai justificando a subida vertiginosa do custo da vida. Mas, como diria Kipling, "isso é outra história".

Suponho que os meus possíveis leitores nunca se detiveram a meditar na lição que nos oferecem os factos: entre nós, trabalha-se pouco e *mal* havendo até quem alegue que trabalha *mal* porque é *mal* pago, o que, em numerosíssimos casos, não corresponde à verdade. Todavia, há muita gente que vai oferecer a outros países o esforço do seu braço ou da sua inteligência, e lá, despendendo maiores energias do que na sua Pátria, trabalham "no duro" como sói dizer-se. E se conseguem, na realidade, reunir pecúlio maior ou menor, pergunta-se: por que razão não deram o seu contributo à sua terra para ajudar esta a sair do atoleiro para onde a atiraram?

Os Portugueses somos (perdão! são) dotados de indolência natural que até hoje só dois homens combateram frontalmente: o infante D. Henrique e o desapiedado Marquês de Pombal. E assim, sendo naturalmente ambiciosos, parece-lhes o trabalho honesto não ser capaz de os enriquecer depressa. Daí, emigrarem na ilusão de hoje encontrarem por essa Europa

continua na pág. 13

ADMINISTRAÇÃO

Durante os últimos meses, os seguintes assinantes remeteram-nos o valor das suas assinaturas, o que muito agradecemos:

ASSINANTES PATROCINADORES

Manuel Teixeira	300$00
José M. Soares Fabião	500$00

OUTROS ASSINANTES

Justino Estêvão de O. e Silva	250$00
Elmano Alves Gomes	250$00
Prof. António Álvaro Dória	250$00
D. Sara Serra Garcia	250$00
Rev. Padre Aleixo Cordeiro (1983/4)	250$00
Vítor Manuel de Lima e Santos	250$00

SEMPRE PRONTO

Agraciado com o Lis de Prata da Associação dos Escoteiros de Portugal

PROPRIEDADE:
Aliança Nacional das ACM de Portugal
Reconhecida de Utilidade Pública

DIRECTOR: Eduardo Ribeiro
DIRECTOR ADJUNTO: Joel Ribeiro
ADMINISTRADOR: J. E. Pena Ribeiro
COLABORADOR: Capitolino Ferreira Macedo
COORDENAÇÃO GRÁFICA: Carlos Martins

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
R. Saraiva de Carvalho, 97 – 1200 Lisboa
Telef. 60 37 34 - 603778 - 603689
Teleg. YMCAPORT – Telex 18539

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO DE 1945
Assinatura anual: Esc.: 250$00
Despesa de cobrança: + 50$00
Espanha e países de África de expressão portuguesa: Esc. 300$00
Outros países: Esc. 450$00

SABER E COOPERAR

O nosso Concurso continua a desenrolar-se com a normalidade necessária, embora a concorrência de participantes não seja suficiente para disputar todos os interessantes prémios oferecidos. Sabemos, no entanto, que muitos leitores, especialmente escoteiros, se empenham na selecção dos questionários sem que concorram.

7.º QUESTIONÁRIO

(Penúltimo)

1 – Uma constelação muito conhecida dá origem a curiosas histórias populares. Entre outras coisas chamam-lhe "três reis e os três pastores". É visível no hemisfério norte de Dezembro a Abril. Como se chama esta constelação?

2 – Como se orienta uma carta topográfica?

3 – Em que ano foi Baden-Powell distinguido pelo Governo Português com a comenda da Ordem Militar de Cristo?

As respostas ao presente questionário devem estar na Redacção até 10 de Novembro próximo. Por cada quesito correcto marca 5 pontos e por cada novo assinante 10 pontos.

SOLUÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS Nos 4, 5 e 6

4.º – 1 – Higrómetro
2 – Ursa menor. Indica o Norte
3 – 8 de Janeiro de 1941

5.º – 1 – Estratos
2 – Em quarto-crescente as suas pontas estão voltadas para Este. Em quarto-minguante as suas pontas estão voltadas para Oeste.
3 – 22 de Fevereiro (com anos de nascimento diferentes).

6.º – 1 – Porque em quarto-crescente (Crescente) tem a forma de D; em quarto-minguan- (Decrescente) tem a forma de C.
2 – Nimbos - chuva.
3 – Em 2 de Junho de 1934.

CLASSIFICAÇÕES DO CONCURSO

Até ao 6.º Questionário

	Pontos
António Onofre Soares	70
Patrulha Lince – Grupo n.º 80	100
Joaquim Santana Nunes	55
Joaquim Tavares de Oliveira	75
José Carlos de Morais H. Silvano	5
Manuel Costa Oliveira	50

PRÉMIOS

1.º prémio – Uma máquina fotográfica, "INSTANT CAMERA" – Cores, conforme gravura. (A disputar entre todos os Concorrentes que tenham um mínimo de 110 pontos).

2.º prémio – Um exemplar da excelente obra "Viagens sem Fronteiras" edição das Selecções. (A disputar entre todos os Concorrentes que tenham um mínimo de 90 pontos).

2.º prémio (para senhoras) – Um secador de cabelo marca "CONCORDE". (A disputar nas condições anteriores).

Cinco prémios 3.º a 7.º – Exemplares da obra "História dos Escoteiros de Portugal", de Eduardo Ribeiro, uma evocação dos êxitos e vicissitudes do Escotismo em Portugal e suas colónias, de 1911 a 1974.

8.º prémio – Uma lanterna eléctrica de bolso marca "MEYER".

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

CONVOCAÇÃO

De conformidade com o artigo 13º, e seus parágrafos, dos Estatutos associativos, convoco a Conferência Nacional dos Escoteiros de Portugal, para reunir em Oeiras, no Forte de Catalazete, das Pousadas de Juventude, em 5 e 6 de Novembro de 1983, com início às 11.00 horas do primeiro dia, e em primeira convocação, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS:

1) – Leitura da acta da Conferência anterior;
2) – Regulamento Geral – seu estado actual;
3) – Discussão, aprovação ou regeição, do Relatório e Contas, apresentados pela Direcção Nacional;
4) – Plano de acção para 1984/85;
5) – Alteração dos Estatutos;
6) – Eleição do Presidente da Conferência Nacional;
7) – Eleição do Presidente da Direcção Nacional;
8) – Eleição do Escoteiro-Chefe Nacional;
9) – Eleição de um quinto dos seus membros com voto deliberativo, a fim de fazerem parte do Conselho Permanente.

Se, à hora marcada, não houver número legal de membros, a Conferência funcionará, em segunda convocatória, meia hora mais tarde, com qualquer número.

COISAS DO NORTE

ANTIGOS ESCOTEIROS

Mais uma vez a delegação da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal levou a efeito, no passado dia 24 de Julho, uma actividade junto dos Grupos que mais necessitados estão de estímulo. Desta vez, coube ao Grupo nº 41, com sede em Vila Nova de Gaia, que para o efeito arranjou local propício para os trabalhos programados, que duraram das 9 horas às 17.30.

Estiveram presentes cerca de 120 escoteiros em representação dos Grupos 4, 17, 26, 38, 41 e 42, para disputar taças e outras lembranças que estavam presentes na mesa do júri, composto por elementos da Fraternal e dos Grupos presentes.

O programa, para as três divisões, constava, de trabalhos manuais para lobitos, pioneirismo, cozinha e primeiros socorros para escoteiros e observação para caminheiros, foi levado a rigor, pois estavam em disputa prémios valiosos. Houve, no entanto, lembranças para todos e no final, quando da distribuição do lanche, todos ficaram com a boca doce com os belos bolos e rebuçados oferecidos pela Organização.

Na sessão solene, usou da palavra o EC. Horácio Paiva, delegado da Fraternal no Norte, que em nome de todos os seus colegas agradeceu as presenças e lamentou a ausência de outros grupos desta Região.

A todos os representantes dos Grupos presentes foi distribuída uma tarja comemorativa, bem como à Região Douro Litoral, à sede central da F.A.E.P., ao Jornal Sempre Pronto, e Jornal Comércio do Porto, que esteve presente e deu honras de primeira página à actividade, com fotografias.

A distribuição dos prémios só foi possível graças à ajuda das seguintes firmas e marcas: Chocolates Regina; Chocolates Favorita; Fábricas Bimbo; oficinas Laurentino & Patrício Lda.; A. C. Desportos, da Régua, Desportolândia, de Aveiro; Fontes & Vieira, Lda., Ferragens e Ferramentas, do Porto; Barbosa & Moreira, Lda., Máquinas e Ferramentas, do Porto; Restaurante "Chien qui Fume", do Porto; e A. A. Calem & Filhos, Lda. de Vila Nova de Gaia.

ACAMPAMENTO REGIONAL DE GUIMARÃES

Por lapso, de que pedimos desculpa, não foi integrada na lista das presenças na actividade em epígrafe a representação da F.A.E.P.

ACTIVIDADES DO GRUPO Nº 4

Este Grupo tem sido muito solicitado para colaborar em diversas actividades de organizações da sua zona, e tem procurado corresponder da melhor maneira. Além de ter enviado três escoteiros ao Nacional, em Agosto, participou no desfile por artérias da baixa do Porto organizado pelo III Festival Internacional de N. S. Areosa; em 7 e 15, deslocou oito escoteiros a Gondarém, Vila N. de Cerveira para auxiliar nos festejos de São Paio; de 12 a 22, a solicitação do presidente da Junta de Freguesia, colaborou nas festas de N. S. da Saúde, de Paranhos, consideradas festas da cidade.

Esta colaboração dos Escoteiros foi muito apreciada, tendo esta última Comissão feito entrega de uma lembrança ao Grupo, como paga simbólica e agradecimento pelos bons serviços prestados.

P. N.

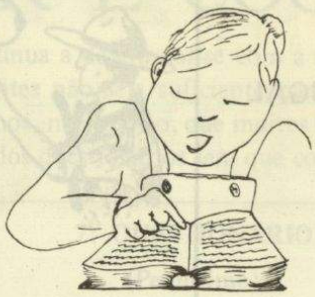
ACAMPAMENTO NA PÓVOA DO VARZIM

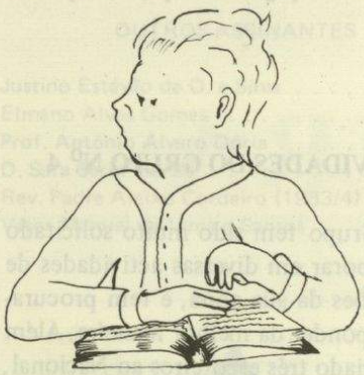
A convite do Grupo 26, Póvoa do Varzim, foi levado a efeito um acampamento naquela localidade nos dias 27 e 28 de Agosto. Estiveram presentes cerca de oito dezenas de escoteiros em representação dos Grupos 4 (23), 17 (1), 26 (33), 54 (6), 76 (6), 41 (6), 42 (1), além do ECNAj. Arnaldo Couto, ECRAj. Manuel Leite e o EC. Horácio Paiva, em representação da Fraternal Antigos Escoteiros de Portugal.

Não se pode dizer que o local fosse ideal para um acampamento, mas a verdade é que já não é a primeira vez que os

continua na pág. 15










OS SINAIS DE ALARME DA VISÃO DOS JOVENS

1 – Os que não gostam de ler.

2 – Os que, ao ler, saltam uma palavra ou repetem a mesma palavra.

3 – Os que lêem mais devagar do que o normal.

4 – Os que lêem seguindo a linha com o dedo ou outro indicador.

5 – Os que adquirem uma posição rígida quando olham ao longe.

6 – Os que têm o costume de vocalizar quando lêem em silêncio.

7 – Os que se esquecem do tema lido.

8 – Os que misturam letras e linhas.

9– Os que lêem mais perto do que o normal.

10 – Os que franzem os olhos ou fazem caretas ao ler.

11 – Os que movem muito a cabeça ao ler.

12 – Os que têm má percepção visual, confundido o A com o E, o U com o N.

13 – Os que manifestam fadiga quando trabalham, sobretudo na visão de perto.

14 – Os que são propensos ao nervoso e à irritabililidade.

15 – Os distraídos e faladores.

16 – Os que se queixam de ver desfocado perto do objecto, porque o vêem em duplicado.

17 – Os que se queixam de cefaleias, nauseas e enjoos.

18 – Os que enjoam ao andar de automóvel.

19 – Os que adquirem más posições para ler ou escrever.

20 – Os que padecem de fotofobia.

21 – Os que entortam os olhos.

22 – Os que têm as pálpebras inchadas ou avermelhadas.

23 – Os que têm os olhos chorosos.

24 – Os que inclinam a cabeça para o lado.

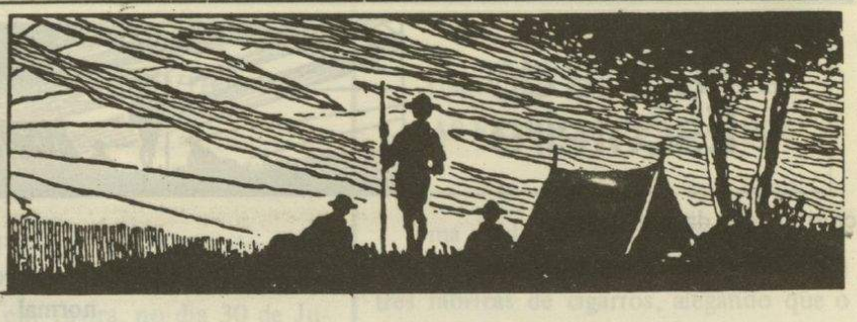
25 – Os que fecham ou tapam um dos olhos de vez em quando.

26 – Os que têm má coordenação oclomotora.

27 – Os que têm dificuldade em escrever, andar de bicicleta ou de patins, etc.

A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE PREVENÇÃO VISUAL recomenda um exame aos jovens que apresentem um ou mais destes sintomas, que podem ter como causa um DEFEITO VISUAL.

Página do Escoteiro



SEGUIMENTO DE PISTAS

PEGADAS

Seguir uma pista é uma atutêntica arte. Os índios e os nativos de certas tribos africanas, entre outros, são autênticos peritos nesta habilidade. Um escoteiro, bem treinado na vida de campo, aprende a mesma arte e é capaz não só de ler a pista, mas, sobretudo, interpretá-la.

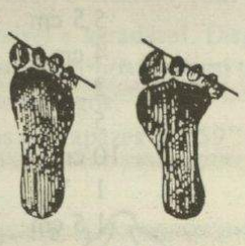
As pistas podem ser deixadas pelo homem ou pelos animais. As que são deixadas pelo homem podem provir de uma marcha a pé (descalço ou calçado), transportando um carro de mão ou um fardo. Pode ainda o homem ser transportado de bicicleta, de carroça, de automóvel, etc. O escoteiro sabe ler todos estes indícios e descobrir o sentido da deslocação.

Seguir uma pista, portanto, é acompanhar as marcas deixadas no terreno, visíveis muitas vezes durante dias, se o chão devido à chuva estiver molhado. Interpretar uma pista é tirar conclusões dos sinais encontrados e constitui o exercício mais interessante. Chama-se a isso – *indução*. É um trabalho de inteligente observação, própria de um detective.

Quando se segue uma pista deixada pelo homem, poder-se-á verificar o tamanho da pegada (calculando a medida do pé), o comprimento do passo, a profundidade que o pé penetra na terra, e destes dados o escoteiro procurará deduzir se o homem era alto ou baixo; gordo ou magro; se andava depressa ou devagar; se ia leve ou carregado; se a pegada é antiga ou recente. Da análise atenta destas situações, o escoteiro poderá tirar as suas conclusões.

A pista humana tem muito interesse por ser das mais seguidas. No entanto, as pegadas do homem são variadas, sobretudo se este anda descalço. Para estudar estas pegadas os escoteiros podem tirar os sapatos e imprimir os seus próprios pés, podendo para isso preparar o respectivo terreno. Verificarão, assim, que a maneira de assentar o pé não é igual em todos. Uns pisam levemente o chão, um pouco de lado, enquanto outros colocam o pé espalmado.

Na Índia, onde há muito o hábito de andar descalço, a polícia usa um sistema curioso de identificação individual pelos



pés, como se usa, nos centros civilizados, a identificação digital das mãos. Unindo na pegada, por uma linha recta, a extremidade do dedo grande ao pequeno, as disposições dos outros dedos variam de indivíduo para indivíduo, não havendo dois iguais.

A técnica de seguir uma pista é coisa que só se aprende pela prática. É preciso treinar muito. A princípio, parecerá que os sinais nada nos dizem. Mas, persistindo, verificará com prazer que consegue descobertas sensacionais.

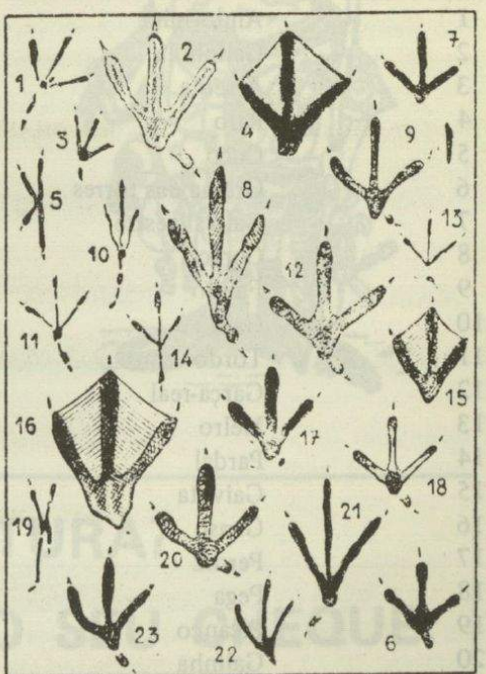
Dizia B.-P.: "Pela observação constante dos animais no estado selvagem, aprende-se a amá-los de tal forma que nunca mais se poderá matá-los. O desporto da caça consiste em se aproximar dos animais sem ser visto e não em matá-los.

"Para praticar a ciência do bosque, não é suficiente ser capaz de ver a pista dos animais e outros pequenos sinais. É preciso ainda sabê-los interpretar, como, por exemplo, determinar o andamento do animal, se ele ia assustado ou tranquilo, etc. Isto permite ao caçador encontrar o seu caminho no mato ou no deserto, e aprende-se quais são os frutos ou raízes selvagens de que eles se poderão alimentar, e aqueles que, sendo preferidos de certos animais, poderão servir para os atrair".

PISTAS DE ANIMAIS

Estes conselhos do Fundador servem para concluir que as mesmas deduções que podem ser feitas das pistas deixadas pelos humanos, podem também ser feitas daquelas deixadas pelos animais.

Para observar as pistas de animais, o primeiro requisito necessário é saber identificar as espécies. As pegadas das aves são totalmente diferentes das pegadas dos mamíferos domésticos ou selvagens. Serás capaz de identificar cada uma das pegadas do quadro abaixo? Vamos ajudar-te.



De: "Etapes" dos "Scouts de France"

continua na pág. seguinte

Página do Escoteiro

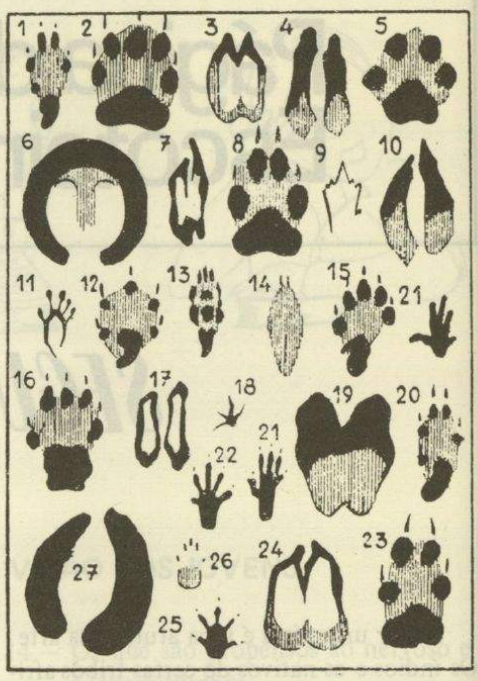


continuação da pág. anterior

Nº	Identificação	Tamanho da pegada normal
1	Doninha	3 cm
2	Texugo	7 "
3	Veado	6 "
4	Camurça	5 "
5	Gato	3 "
6	Cavalo	15 "
7	Cabrito-montês	4 "
8	Cão e lobo	7 "
9	Sapo	1 "
10	Gamo	6 "
11	Esquilo	3 "
12	Arminho	3 "
13	Ouriço-cacheiro	4 "
14	Coelho, lebre	10 e 15 cm
15	Gaivota	7 cm
16	Marmota (mamífero roedor)	4 "
17	Carneiro	5 "
18	Musarenho (murganho)	0,5 cm
19	Porco	10 cm
20	Furão	5,5 cm
21	Ratazana	4 cm
22	Rato de água	2 "
23	Raposa	5 "
24	Javali	10 cm
25	Ratinho	1 "
26	Toupeira	1,5 cm
27	Vaca	13 cm

★

Nº	Identificação	Tamanho da pegada normal
1	Andorinha	3 cm
2	Galinhola	11 "
3	Alvéola	1,2 cm
4	Pato	6,5 "
5	Cuco	5 cm
6	Gralha das torres	5 "
7	Galo silvestre	5 "
8	Corvo	15 "
9	Faisão	8 "
10	Gaio	5 "
11	Tordo	4 "
12	Garça-real	14 "
13	Melro	3,5 cm
14	Pardal	3 cm
15	Gaivota	7 "
16	Ganso	9 "
17	Perdiz	4 "
18	Pega	6 "
19	Picanço	6 "
20	Galinha	11 "
21	Galinha de água	9 "
22	Poupa	4 "
23	Pombo-torcaz	6 "



De: "Etapes" dos "Scouts de France"

Os escoteiros podem instalar na sua sede um museu de pegadas, que constituirá uma excelente forma dos aspirantes fazerem o primeiro contacto com a arte de seguir e interpretar pistas. No "Sempre Pronto" nº 431, de 30 de Setembro de 1981, poderão ver como isto se faz. Voltaremos a este tema.

O LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO

Sucede muitas vezes, ao fazer-se um levantamento topográfico, escassear-nos o tempo. Numerosas vezes somos obrigados a concluir apressadamente os últimos traços de lápis. Frequentemente não se transporta todo o material necessário sob o pretexto de que ele é muito pesado ou muito incómodo. Eis aqui, segundo a minha opinião, o material indispensável e que não tomará muito espaço no equipamento.

Um tripé, que poderá mesmo ser o da tua máquina fotográfica se tiveres alguma.

Uma prancheta ligeira para desenho de 40 x 30 cm, e que, por um "maquinismo" astucioso que tu próprio descobrirás, poderá ser fixada ao tripé.

Uma alidade, régua graduada, munida em cada extremidade de visores, construídos e colocados por ti, naturalmente.

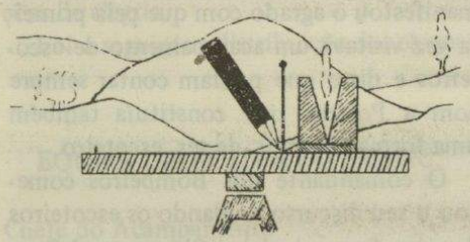
Uma folha de papel (que é conveniente não esquecer!), bem limpa e não amarrotada.

Um nível de bolha de ar, montado em água mas de preferência em óleo. Tu próprio sabes fazê-lo, segundo julgo?

Enfim, uma borracha, um lápis *muito bem aparado*, percevejos e alfinetes.

Munido de tudo isto que vais tu fazer? Eis aqui o caminho a seguir muito simples e fácil.

Orientas primeiro a tua folha ao *Norte* após teres fixado o desenho sobre a tua prancheta, ao mesmo tempo mantendo esta horizontal graças ao teu nível.



Marcas o ponto onde te encontras, prendendo aí verticalmente um alfinete.

Apoiando, agora a tua alidade contra este alfinete, tu visas o ponto que desejas situar e, ligeiramente, riscas um traço na direcção indicada.

Enfim, medindo a distância percorrida, voltas a este ponto e, reduzindo-o à escala, transferindo-a sobre a direcção indicada precedentemente.

Para fazer um bom *croquis* é preciso uma boa escala, não sendo muito grande nem muito pequena. Antes de a escolher, observa numa carta a extensão aproximada da região que desejas descobrir. Será agora fácil escolher uma escala de maneira que o teu desenho não saia da tua folha.

Não deves nunca carregar muito no teu lápis a fim de que possas apagar quando fizeres erros. Para obter precisão apara bem o teu lápis.

E, agora, ao trabalho! Diz-nos se tens sido bem sucedido e dá-nos as tuas ideias sobre a topografia.

"Bonne chance!"

F. Baradez

O ESCOTISMO EM TAVIRA

A NOVA SEDE DO GRUPO Nº 59

"Sempre Pronto" fez inesperadamente uma visita ao Grupo nº 59 dos Escoteiros de Portugal, em Tavira, no dia 30 de Julho último. Foi uma visita com todo o interesse porque fomos encontrar alguns escoteiros ocupados na remodelação da sua sede.

A unidade é dirigida pela E. C. Maria do Carmo Luz Serrano, que tem sabido dinamizar os membros do Grupo, permitindo que nas suas ausências, que por motivos imperiosos são demoradas, a actividade se mantenha com entusiasmo. Fomos recebidos pelo caminheiro António Fernando Ferreira, auxiliar da chefia, que nos apresentou aos escoteiros em serviço, e nos deu a conhecer as interessantes obras que estão a realizar no barracão que lhes foi cedido para sede. Utilizando cartão prensado, dividiram o espaço em sala de reuniões, sala de patrulhas, arrecadação, secretaria, etc., e ficaram com uma sede muito razoável e agradável. Dispõem ainda de um espaço amplo que vai ser adaptado a quadra de jogos.

Parabéns aos rapazes do "59" de Tavira.



FESTA NACIONAL DO BRASIL

Por ocasião do Dia Nacional da nação brasileira, em 7 de Setembro findo, o respectivo embaixador ofereceu uma recepção, nas instalações da respectiva embaixada.

Esta cerimónia serviu para que o sr. dr. Dario de Castro Alves apresentasse a sua despedida, já que foi escolhido para representar o seu País na OEA. O dr. Dario de Castro Alves desempenhou o seu cargo em Portugal com elevado brilho e muito talento. Vai ser substituído pelo antigo chanceler Azeredo da Silveira.

UMA CANCEROSA PROCESSA AS FÁBRICAS DE CIGARROS

Uma mulher com um cancro no pulmão levou a tribunal um processo contra três fábricas de cigarros, alegando que o produto lhe provocou a doença.

Rose Cipollone, 57 anos e o seu marido, António, alegam que os cigarros manufacturados pelo grupo Liggett, Philip Morris e Loews Corp – fabricantes dos cigarros que ela fumou durante cerca de 40 anos – eram "inseguros e deficientes", e que por causa disso surgiu o cancro no pulmão.

Os Cipollones, acusam as três firmas de possuírem informação científica e médica sobre as consequências do tabaco, mas ignoraram-na ou não agiram de acordo com o que sabiam, "conspirando assim no sentido de não fornecerem informações" sobre os malefícios do tabaco.

O casal pretende obter com o processo levantado compensação e medidas punitivas pelos prejuízos causados. O marido da doente pretende ainda indemnização pelo seu sofrimento pessoal e pela perda da mulher.

Do "Correio da Manhã" – 7/8/83



JÁ PAGOU A SUA ASSINATURA?

– ENTÃO, COLABORE! MANDE JÁ O SEU CHEQUE.

NÓS AGRADECEMOS

O 16º ACAMPAMENTO NACIONAL

Os Escoteiros de Portugal realizaram de 5 a 15 de Agosto último o seu 16º Acampamento Nacional, que se efectuou em Mafra, na Mata do Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos.



As entidades oficiais e dirigentes escoteiros presentes no encerramento.

Foi uma actividade interessante sobretudo a nível de programa e revelou a capacidade que a AEP possui para levar a efeito uma actividade desta natureza se for planeada, programada e executada dentro de estruturas bem estudadas e promovidas com método e tempo. Se, quase de improviso, os Escoteiros de Portugal realizam um Acampamento Nacional daquele nível, que poderia ter sido feito se a actividade fosse bem organizada?

A ABERTURA DO ACAMPAMENTO

Os escoteiros começaram a chegar ao Acampamento no dia 5, sexta-feira, tendo continuado no sábado seguinte. À noite houve uma reunião dos dirigentes em campo para distribuição das funções directivas complementares.

No domingo, à tarde, realizou-se a inauguração oficial com recepção das entidades oficiais e convidados. Estiveram presentes os srs. comandante do Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desporto, presidente da Câmara Municipal, comandante da P.S.P., comandante dos Bombeiros Voluntários, todos de Mafra, bem como antigos escoteiros e familiares dos escoteiros acampados.

O presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal, sr. J. E. Pena Ribeiro, considerou aberto o acampamento, saudando as entidades oficiais, cuja presença agradeceu. Falando aos escoteiros afirmou: "Desejo que este Acampamento Nacional, agora inaugurado, seja um marco bem forte de amizade entre os escoteiros e possa contribuir para que essa amizade seja cada vez maior". Manifestou também a sua satisfação pela presença dos agrupamentos dos Estados Unidos e da Espanha.

O sr. coronel comandante do CMEFED disse que "como comandante da unidade militar se sentia muito honrado por receber os escoteiros. Como oficial do exército, que sou, comove-me estar perante a juventude, juventude essa que é o garante do futuro. Serão vocês que irão moldar o futuro do nosso país e o futuro de todas as comunidades internacionais. (...) "Sinto-me comovido em vos receber e tenho muita honra em que estejam nesta Casa, que é vossa, e só lamento não dispor de estruturas suficientemente desenvolvidas para vos poder apoiar naquilo que gostaria e vocês com certeza merecem".

O sr. presidente da Câmara Municipal afirmou que em nome do Município agradecia a todos os escoteiros, incluindo as delegações estrangeiras, por terem escolhido Mafra para este magnífico encontro.

Também o comandante local da P.S.P. manifestou o agrado com que pela primeira vez visitava um acampamento de escoteiros e disse que podiam contar sempre com a Polícia, que constituía também uma forma de servir, de ser escoteiro.

O comandante dos Bombeiros começou o seu discurso saudando os escoteiros de uma forma jovial: "Olá rapazes! Boas tardes!" E fez votos de uma boa estadia.

Encerrou as saudações o eng. Nobre Santos, escoteiro-chefe nacional, que terminou as suas palavras declarando: "O que é preciso é que saiamos daqui todos mais amigos e mais capazes de realizar coisas bem programadas e com objectivos que sejam lícitos para a melhoria da nossa situação, para a melhoria da humanidade em geral".

O Presidente da Câmara Municipal fez entrega ao Presidente da AEP de duas medalhas de bronze respeitantes ao Convento e à Vila, bem como lembranças de Mafra para os contingentes de Espanha e dos Estados Unidos.

INVESTIMENTO DOS CARGOS DA DIRECÇÃO DO ACAMPAMENTO

A cerimónia da entrega de insígnias para o investimento de diversos dirigentes nos cargos necessários ao bom funcionamento do Campo, foi uma cerimónia alegre entrecortada de gritos e manifestações de alegria.

Foi a seguinte a distribuição dos cargos:

EQUIPA DIRECTIVA DO ACNAC:

Chefe do Acampamento
Vítor Santos (16)

Adjuntos
Belchior Saraiva
João C. Cabral

Chefe de Serviços Gerais
Alfredo Rodrigues (45)

Serviço de Limpeza
Manuel Teixeira (38)
Alberto Luís (77)
Alberto Silva (24)

Higiéne e Saúde
Saul Sousa (92)

Vigilância e Segurança
António Pinheiro (79)
Jorge Alves (8)

Bazar (S.M.U.)
Luís Marques (45)

Serviço Materiais
Manuel Oliveira (23)

Serviço de Cozinha e Abastecimento
Nizarali Sultanali (36)
Virgílio Morais
Manuel Santos (2)

Serv. Secretaria, Telef. e Jornal
Paula Marques (45)
António Marreiros (7)
António Carvalho (86)

continua na pág. 15



O contingente reu[illegible] a inauguração oficial.

Fotos do Grupo 79, reveladas nos seu laboratório.



O comandante do CMEFED entrega a insígnia de serviço a um dirigente do Acampamento.

A PARTICIPAÇÃO

Estiveram presentes 435 escoteiros e dirigentes, número que se anuncia sem dar lugar a fantasias, não estando mesmo incluídos neste número os escoteiros que estiveram alguns dias em campo sem ali permanecerem o tempo completo. As presenças distribuídas por Regiões foram as seguintes:

Região Minho	8 presenças	1,93%
Região do Douro Litoral	32 "	7,14%
Região de Trás-os-Montes	1 presença	0,24%
Região da Beira Litoral	0 presenças	
Região da Beira Alta	0 "	
Região da Estremadura	218 "	52,78%
Região do Ribatejo/Beira Baixa	4 "	0,96%
Região do Alentejo	19 "	4,60%
Região do Algarve	57 "	13,80%
Região da Madeira	51 "	12,34%
Região dos Açores	0 "	
Região da Europa	3 "	0,72%

Estiveram também presentes 18 escoteiros de Espanha, de Madrid, e 7 membros da "Boy Scouts of America", com sede nos arredores de Lisboa. O Corpo Nacional de Escutas também se fez representar com alguns dos seus membros, retribuindo a visita que uma patrulha dos Escoteiros de Portugal fez ao seu Acampamento Nacional, que se realizou na zona de Azeitão. Muito gostaríamos de fazer maior referência a esta actividade, do C.N.E. mas não tivemos qualquer comunicação.

A PROPÓSITO DO ACNAC

REPARO

SER ESCOTEIRO É UMA AVENTURA; PRATICAR ESCOTISMO É UMA FELICIDADE

Depois de tantos contrastes, já lá vai o XVI Acampamento Nacional, que até por sinal correu muito bem.

Não foi feito com os almejados milhares de participantes, mas o que interessa é que se realizou, como estava programado, e nem que fosse feito com uma dezena ou até com menos devia ser feito, pois o que interessava era cumprir o programado.

Li no "Sempre Pronto" e parece-me que era ideia de alguns dirigentes, que no Acampamento Nacional só deveriam tomar parte escoteiros com a 1.ª Classe, ou então... com a 2.ª, o que, na minha maneira de ver acho bastante mal pensado, pois que só nos Acampamentos Nacionais é que é possível reunir a maior parte da Grande Família Escotista. No entanto, e aqui o meu REPARO, parece-me que, se prevalecesse essa ideia, o Acampamento não se realizaria ou teria um número de elementos que não justificava a sua efectivação.

Só quem está à frente dos Grupos sabe quanto é difícil "chamar" um rapaz à "realidade" do escotismo e até a maioria "deserta" pois não lhe falta divertimentos de sua livre vontade.

Então, e aqui é que estão em evidência os Acampamentos Nacionais, esses elementos são comparados com escoteiros doutros Grupos, que os vêem com especialidades e classes e, então, é que notam que estão "despidos" e é esse o incentivo para se valorizarem.

Felizmente há muitos escoteiros a lerem o "Sempre Pronto" e por isso acho que devia haver mais um pouco de cuidado com as notícias deste género que ferem tanto os dirigentes instrutores como até os escoteiros interessados em participar nestas actividades, que ficam com medo do confronto e à dúvida se as suas inscrições são aceites ou não o que leva ao abandono, pura e simples da sua participação. – *P. N.*

N. R. – *Se tivéssemos a mesma óptica do nosso estimado Correspondente e fizéssemos "censura", esta seria uma das tais "notícias" que não se publicaria, até porque o texto desacredita o título. Então se "ser escoteiro é uma aventura; praticar escotismo é uma felicidade" porque é que "a maioria deserta pois não lhe falta divertimentos de sua livre vontade?" Certamente porque não encontra essa aventura e muito menos essa felicidade nas actividades promovidas no seu Grupo.*

Conviria investigar porque é que o Escotismo não dá satisfação a essa maioria, que vai encontrar fora do Movimento "divertimentos de sua livre vontade". Exactamente porque as actividades do Grupo não têm interesse, não têm a tal "aventura". O rapaz que ingressa num grupo de escoteiros deve encontrar um programa que o entusiasme. É o tal progresso escotista, *que lhe proporciona conhecimentos, actividades, jogos. Se o escoteiro permanece meses seguidos no grupo e não passa da terceira classe, se é que esta lhe foi exigida para prestar a Promessa, naturalmente se enfada, se aborrece, e vai procurar "divertimentos" noutro lado, apesar da dificuldade que terá em encontrar aqueles que possam dar plena satisfação ao seu natural desejo de aventura.*

Um "Nacional" é actividade de grande nível, anunciado com muito tempo de antecedência, pelo que deve ser um privilégio nele participar. Os escoteiros devem preparar-se com tempo *para essa grande actividade. Essa preparação passa pela sua adesão ao PROGRESSO escoteiro. Um escoteiro que faz a sua promessa e seis meses depois não tem a segunda classe pertence à tal "maioria" desinteressada. Não faz nada no Escotismo e muito menos num Acampamento Nacional.*

Não nos parece, no entanto, que as amplas facilidades concedidas tenham dado oportunidade para significativa presença no último "Nacional" dos tais patatenras, *mas os que ali estiveram estorvaram bastante a execução dos programas que os chefes de campo entusiasticamente organizaram e promoveram.*

Os clubes desportivos só mandam às grandes actividades nacionais e internacionais os seus bons atletas. Essa limitação serve de estímulo para que os outros se esforcem para alcançar o mesmo nível. É este estímulo que os escoteiros devem ter e, ao mesmo tempo, a noção da responsabilidade na participação num "Nacional".

QUELUZ

FOI ASSALTADO O GRUPO N.º 23

Depois do Grupo n.º 93, de Sintra, ter sido assaltado e despojado de diversas tendas, coube agora a vez a outra unidade do mesmo concelho – o Grupo 23, de Queluz.

No fim de Agosto, foram roubadas seis tendas e diversos objectos de patrulhas, no valor aproximado de 60 contos, o que para um grupo de escoteiros é um grave prejuízo.

Dada a frequência com que estão acontecendo estes roubos, os grupos escoteiros devem tomar cuidados especiais com a sua segurança e devem fazer marcar as suas tendas com tinta própria e em lugar visível para fácil identificação do seu material.



E.C. JOSÉ ALBERTO FRANCO DE CASTRO

Este nosso estimado amigo, chefe regional da Madeira, esteve alguns dias de férias no Continente, tendo-nos dado o prazer de sua visita. Agradecemos.

*

ARNALDO PINTO

Este nosso estimado amigo e dedicado dirigente escoteiro da Região do Douro Litoral, esteve em romagem em Fátima com sua família e teve a gentileza de nos enviar cordiais saudações, que muito agradecemos e retribuímos com amizade.



O PRIMEIRO PADRÃO

I

Estremeceram de espanto aqueles areais. Espezinhados de há muito por gente negra, viram ao longe, chegar um barco em cujas velas a cruz de largos braços parecia abençoar o mundo.

Depois, o areal cresceu de pasmo. Dessa embarcação monstruosa, saíram homens de cor jamais vista naquelas paragens.

Ficou-se a cismar o areal. O dia era uma apoteose de luz. Arrastando água barrenta e escura, o rio Zaire entrava com ímpeto no oceano.

Ouviu-se gritaria enorme. Todos ajoelharam, dando graças a Deus. Um deles, que parecia ser o chefe, dirigiu-se à ponta sul do rio – terreno baixo, arenoso, estéril. Curiosos, os pretos aproximaram-se. E que viram?

Homens brancos, filhos do mar, aproximaram-se, mostrando-lhes lindos presentes, enquanto o chefe colocava ali naquela ponta, um feitiço de pedra, que era coisa de assombro.

Ao mesmo tempo, de uma espécie de bocas negras que espreitavam do barco, saía lume e fumarada, seguidos de grande estrondo.

Os filhos do mar andaram dias e dias pela foz. A novidade correu o sertão e pretos de muito longe, vassalos do imperador do Congo, estenderam a mão à gente branca que vinha em barcos que cuspiam fogo. Passados dias, o senhor branco, que parecia ser homem sem medo, correu a costa, plantando-lhe outros feitiços de pedra.

Mas, antes de partir, o branco colocou ainda um penedo rude, cuja brancura se destacava nos rochedos da costa, com dizeres que os pretos não compreendiam e que, além de outros, são os seguintes:

AQUI CHEGARAM OS NAVIOS DO ESCLARECIDO REI DOM JOÃO O SEGUNDO DE PORTUGAL – DIOGO CÃO

II

Na extensão sem fim dos areais fulvos, o padrão elevava-se para o céu. E, por milagre de Deus, a areia começou a falar:

– Quem sois e donde vindes?

O padrão era uma coluna de pedra com quinze palmos de altura. No alto, encimado pela cruz, havia um bloco quase quadrado, onde se viam as armas portuguesas, com duas inscrições (em português e latim), os nomes do rei e do descobridor e a data do achamento. Um tanto orgulhoso, começou a falar:

– Sou um penedo com alma que vim de Portugal, terra de marinheiros, onde se sonha e luta. A bordo daquele navio que viste, areia dos meus encantos, assisti a fomes, sedes, a doenças, mas nunca a desânimos. Às vezes, ouvia o comandante da caravela, transmontano de rija têmpera, chamado Diogo Cão, contar aos seus homens o convite que esse grande D. João II, o continuador do Infante que deitou os barcos ao mar, lhe havia feito. Ele não se atrevera a recusar, pois já estava habituado a surpreender as águas. Fizemos uma viagem bela, mas tormentosa. Dobrámos o Bojador, a costa da Guiné e aqui viemos parar e, pela graça de Deus, sou o primeiro padrão que se coloca em África.

– Então, os que antes de Diogo Cão correram aventuras, não punham padrões?

– Não, – respondeu o penedo. – Gravaram o nome e a data na casca das árvores ou punham uma cruz de madeira.

– E, agora ficas aqui para sempre, padrão?

Majestoso, com ar triunfante, ele retorquiu:

– Sim.

E ao imenso e possível oceano
Mostram estas quinas, que aqui vês
Que o mar com fim será grego ou romano
O mar sem fim é português. (1)

MANUEL FERREIRA

(1) Fernando Pessoa, *Mensagem*.

Do "S.P." nº 27 – Julho de 1947

DIZER BEM PARA PENSAR MELHOR.

PERSEVERAR E PRESERVAR

Os meios de comunicação, em especial a rádio e a televisão, se são excelentes para divulgar ensinamentos úteis, são muitos perniciosos quando veiculam erros. Por isso, deveria de haver o máximo cuidado e uma contínua vigilância durante as emissões, para que fossem detectadas expressões defeituosas, a fim de serem tomadas as medidas tendentes a eliminá-las no futuro.

Nos últimos tempos, temos escutado nos nossos receptores expressões do género: *É necessário perseverar o ambiente da poluição*, e outras quejandas. Ora, esta frase não tem qualquer sentido. *Perseverar* quer dizer *continuar, conservar-se firme, constante, não ceder, persistir*. Ora ninguém, com bons propósitos, desejará que a poluição revele qualquer daqueles predicados.

O que se pretende dizer, isso sim, é que devemos *preservar o ambiente da poluição*, isto é, *pô-lo ao abrigo de algum mal, resguardá-lo, defendê-lo*, que são alguns dos significados do verbo *preservar*, cujo *s* tem o som de *z*, como é de regra quando ele está entre vogais.

São dois verbos muito semelhantes na forma, mas bastante diferentes na significação. O acto de perseverar é *perseverança*, uma bela palavra, que nos lembra a constância, a firmeza, a pertinácia, qualidades que devem merecer a nossa admiração. Já o acto de preservar é *preservação*, já não tão belo, mas que nos fala de prevenção, de cautela, de protecção, de defesa, predicados que também são muito úteis quando aplicados a boas resoluções.

Por isso, devemos perseverar em preservar o ambiente da poluição, isto é, devemos ser constantes em manter livre de factores que possam afectar a nossa saúde ou o nosso espírito, os quais devem ser defendidos, acautelados desses agentes perniciosos. E nessa luta pela preservação da higiene, quer material, quer espiritual, temos de mostrar perseverança. Não é assim?

SEMINÁRIO SOBRE PRÉ-ADOLESCÊNCIA

Como é do conhecimento de alguns dos nossos companheiros, no Escotismo existem também actividades de tipo supra-curricular. Estas realizam-se por contraste com outras de ordem formal e curricular, como sejam as que constituem o esquema de progresso da "Insígnia de Madeira".



Houve um evidente "despertar" para a realidade associativa.

A actividade, que aqui vamos referir, realizou-se sob o signo da "Pré-Adolescência" e segundo a dinâmica de trabalho e orientação de uma actividade congénere realizada em Portugal pela Região Europeia do Secretariado Mundial, tal como já foi noticiado em número anterior do "Sempre Pronto".

No fim-semana de 21/22 de Maio, tivemos o prazer de receber no edifício dos Serviços Centrais cerca de 26 escoteiros-chefes e caminheiros exercendo funções de chefia. Apraz-nos dizer que todos estão animados de um espírito de boa vontade para a realização de um bom trabalho.

Os temas postos à discussão foram enquadrados na realidade associativa e na sua problemática a vários níveis. Todos os temas, antes da sua discussão em grupos de trabalho, foram precedidos de uma breve exposição por especialistas no assunto a debater. Nesse sentido, agradecemos a presença dos E. C. Armando Carlos, Rui Severino de Almeida, Pedro Madeira, assim como, do dr. Fernando Alves Pinto, na sua qualidade de psicólogo.

Todos eles deram o seu melhor para uma boa compreensão e conhecimento dos assuntos em análise.

As conclusões a que chegámos não são de maneira nenhuma transcendentes. No entanto, elas permitiram que os participantes "acertassem agulhas" sobre a sua visão de determinados assuntos. Por outro lado, houve um evidente "despertar" para a realidade associativa e para a necessidade da sua transformação.

Dado que não seria possível transcrever aqui o relatório do seminário, agradecemos a todos os esc.-chefes interessados o necessário contacto com os Serviços Centrais para a sua expedição.

Para terminar, queremos apenas chamar a atenção de todos os que nos lêem para o facto deste seminário ter sido organizado e realizado por dirigentes que se encontram ainda na acção directa. Queremos apenas com isto significar que a *participação espontânea, voluntária e maciça em todas as actividades organizadas para escoteiros-chefes*, é fundamental para o engrandecimento da nossa AEP. Não é decerto por mero acaso que o nosso lema como dirigentes é "Sempre Pronto a Servir".



... todos estão animados de um espírito de boa vontade.

Manuel Estevens,
pela Equipa de Animação



A SEDE DO GRUPO Nº 79

O Grupo nº 79 dos Escoteiros de Portugal tem a sua sede nas Necessidades (em Lisboa), em dependências do Ministério dos Negócios Estrangeiros, junto às moradias do pessoal. Já no ano de 1920, aquela dependência era utilizada para sede de uma secção do Grupo nº 2, dirigida por Álvaro Lima. Parece que anteriormente já ali existira um grupo de adueiros, que voltou a estar ali instalado depois da extinção da unidade dependente do Grupo nº 2. Cerca de 1930, o grupo de adueiros, chefiado por Manuel Dias de Almeida, filiou-se na Associação dos Escoteiros de Portugal com o mesmo dirigente e com o número 79.

Sempre conhecemos aquela sede com aspecto bem característico mas muito acanhada. Estivemos ali em Agosto passado, onde fomos recebidos pelo seu escoteiro-chefe António Pinheiro. Foi uma agradável surpresa, porque fomos encontrar uma instalação mais ampla com boas salas, secretaria, sala de patrulhas, arquivo, laboratório fotográfico e gabinete clínico, em que dois médicos amigos do Grupo prestam assistência a pessoas necessitadas.

Encontrava-se tudo em boa ordem e foi agradável examinar antigas bandeiras tanto dos adueiros como dos Escoteiros de Portugal.



A ETERNA ESPERA

continuação da pág. 1

e América a velha "árvore das patacas": basta abaná-la e logo cai uma chuva de dinheiro reconfortante...

Quantos são os que, entrados na vida prática, cheios de ilusões (e às vezes de malformação educativa), traçaram um plano de vida, meteram ombros à empresa e seguiram firmemente em frente, sem hesitações e com os olhos no objectivo primário? Recorda-me muito bem, na minha vida já longa, o que em criança ouvia contar de A, B ou C que, de origem humilde, ocupados em trabalhos duros e durante dias inteiros, mas desejosos de subir na escada da Vida, apesar do seu cansaço esmagador, conseguiram aprender a ler e depois, sucessivamente, foram subindo e chegaram a posições invejáveis nos seus respectivos sectores. A história dos Estados Unidos na 2ª metade do século passado está cheia de nomes de *self-made men* – André Carnegie, John Rockefeller, Jay Gould, Pierpont Morgan e outros de menor gabarito – que sendo de extracção humilde, pelo seu próprio esforço, lutando com tenacidade que a juventude de hoje parece desconhecer, subiram a posições de elevado relevo e destaque, obrigando a velha Europa a olhar a América do Norte com admiração e respeito, essa América de cuja vertiginosa civilização eles foram os principais construtores.

Olhando o nosso passado histórico e recordando essa longa odisseia dos descobrimentos portugueses, logo nos impressiona como a vontade decidida e inquebrantável do já citado Infante e de seu sobrinho-neto, o rei D. João II, levou à descoberta do caminho marítimo para a Índia e, por reflexo, à do Brasil. Que é que separa os Portugueses de hoje dos do passado? Serão apenas os séculos?

Já recordei há longos anos neste mesmo jornal a anedota das duas rãs, contada por B.-P. no *Scouting for Boys*. Parece-me oportuno relembrá-la hoje aos filhos daqueles a quem eu a citei há tantos anos.

Duas rãs caíram inadvertidamente dentro de um recipiente cheio de leite. Uma delas tentou saltar, sem resultado; o leite não era a sua conhecida água em que nadava airosamente. Desistiu e afogou-se. A outra, porém, mais tenaz e não querendo compartilhar da triste sorte da companheira, debateu-se fortemente naquele líquido desconhecido e em tão boa hora o fez que o leite começou a coalhar e daí a pouco era já manteiga que endureceu, sobre ela se apoiando a rã para saltar e salvar-se.

A anedota encerra uma lição – a que B.-P. quis transmitir aos jovens ingleses do seu tempo: o valor da tenacidade para triunfar ou, pelo menos, aguentar-se um homem na Vida. Infelizmente, em Portugal a tenacidade apenas teve recurso como moeda em casos muito raros... O ideal (?) é esperar que a sorte nos bafeje, quer através do prémio da lotaria, quer contemplando os 13 do boletim do totobola...

Escoteiros de Portugal: parece-vos este ideal (?) digno de um homem que se orgulha de o ser?

Como corolário, dou a plavra ao ilustre Kipling em versão portuguesa:

Se podes arriscar numa jogada
Toda a tua fortuna e tendo-a assim perdido
Principiar outra vez voltando ao nada,
Sem jamais aludir ao sucedido;

Se podes comandar o coração e os nervos
E, quando fores só uma ruína,
Torná-los ainda servos
Dessa tua vontade que os domina;

Se puderes viver o Tempo inexorável
Longe das lutas vãs em que outros se consomem;
Será teu o Universo e, o que é mais admirável,
Serás um Homem!

A. ÁLVARO DÓRIA
E.C.D.

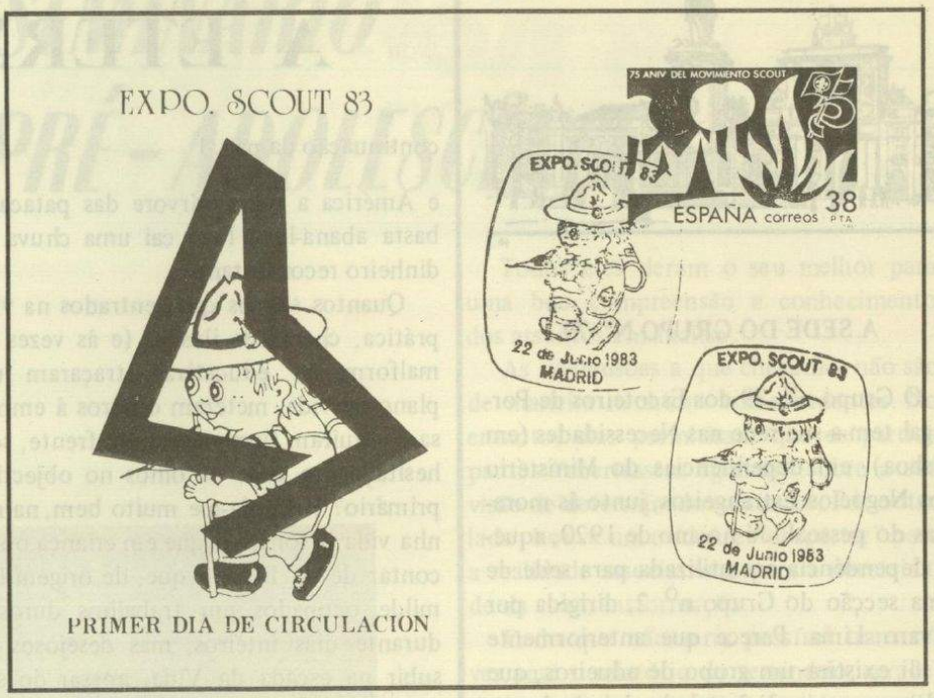




ESPANHA

Em 22 de Junho passado, os Correios de Espanha emitiram o anunciado selo postal comemorativo do 75º aniversário do Escotismo Mundial. Trata-se de um selo de 38 pesetas apresentando duas tendas sobre fundo azul, com a chama do fogo de conselho e a insígnia das comemorações.

Foi também emitido um postal do primeiro dia de circulação, que reproduzimos.



BRASILIANA – 83

Realizou-se no Rio de Janeiro, de 29 de Julho a 7 de Agosto último, a Exposição Internacional de Filatelia – Brasiliana – 83.

Fernando Gomes Carrão, membro da Comissão Filatélica da AEP, foi distinguido com medalha de prata pela sua colecção "Escotismo". Parabéns ao nosso estimado assinante.

SEMPRE PRONTO EM PORTALEGRE

E. C. JOÃO JOSÉ FERREIRA PEREIRA

Este nosso estimado amigo, que tem sido o grande dinamizador do Escotismo no Alto Alentejo, aceitou desempenhar o cargo de correspondente de "Sempre Pronto" em Portalegre. Damos-lhe as boas-vindas e esperamos com prazer a sua colaboração.

•

MANUEL DE SENO

O antigo escoteiro e nosso estimado assinante Manuel Seno, escreve-nos de Gijón, Espanha, onde foi ocupar o cargo de animador cultural junto do Consulado de Portugal, naquela cidade, com vista "a tentar modificar o comportamento psicossomático dos emigrantes portugueses".

Agradecemos e retribuímos as saudações expressas.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO



ACAMPAMENTOS INTERNACIONAIS

INGLATERRA – AMIZADE INTERNACIONAL

A Região do condado de Staffordshire enviou convite aos escoteiros de Portugal para o Acampamento "Interncional Friendship" (amizade internacional) que se realizará em kibblestone, perto de Stone, no condado de Staffordshire, de 21 de Junho a 11 de Agosto de 1984.

O campo está aberto a escoteiros de países estrangeiros e não há limite no número de participantes em grupo ou individualmente. São bem recebidos rapazes e raparigas (escoteiros e guias). O custo de acampamento é de £5 mais as taxas normais de campismo. Este valor cobre muitas actividades, embora em alguns casos haja lugar para despesas de transporte.

Os grupos de escoteiros locais projectam proporcionar hospitalidade aos participantes estrangeiros.

Como o número total de participantes não pode exceder 500, os interessados devem dirigir-se com brevidade ao Secretário das Relações Internacionais da AEP para fazer a sua inscrição.

ALEMANHA FEDERAL

TURM 84 – ACAMPAMENTO NACIONAL

Os Escoteiros de Portugal são também convidados para participar no acampamento Nacional dos Escoteiros da R.F.A., que se realizará em Eschwege, de 26 de Junho a 5 de Agosto de 1984.

O Campo está planeado para escoteiros e guias de 11 a 15 anos, podendo os Caminheiros participar num acampamento especial. Está programada a participação de 3000 escoteiros e o custo do acampamento será de cerca de 150 marcos.

Os interessados devem dirigir-se à Secretaria de Relações Internacionais.

O 16º ACAMPAMENTO NACIONAL

continuação da pág. 9

Serviço de Tesouraria
José Emiliano (45)

Alcateia
Luís Avelino Relógio (16)
Amira Haji (36)

Tribo
Armando Carlos (7)
Manuel Estevens (7)
Rui Severino (7)

Clã
João Madeira (2)
António Conde (23)

O PROGRAMA DO ACAMPAMENTO

O programa do Acampamento Nacional estava devidamente organizado, pelo que foi possível executá-lo de forma a dar plena satisfação aos Escoteiros. Poderá alguém dizer que os rapazes estiveram muito ocupados com actividades. Diremos: Ainda bem! Nada prejudica mais um acampamento deste género do que a ociosidade.

Durante a semana, as três Divisões: Lobitos, Escoteiros e Caminheiros tiveram as suas actividades dentro da respectiva divisão. Houve actividades desportivas, jogos e exercícios escoteiros, trabalhos manuais pela aplicação dos recursos naturais e outras. Realizaram-se visitas de estudo ao convento, à Tapada com observação de animais selvagens, ao Museu da Tapada, onde puderam observar animais embalsamados, e ainda à exposição do conhecido ceramista José Franco.

Os caminheiros realizaram uma excursão de exploração a Sintra, recolhendo dados históricos e etnográficos, inquirindo as populações e recolhendo elementos para este estudo. Houve ainda um programa de trabalho comunitário, na limpeza de uma igreja, corte e desbaste de árvores municipais.

Cada Divisão teve o seu fogo de conselho e, no último sábado, realizou-se um fogo de conselho geral para encerramento.

***

Devemos registar alguns apontamentos sobre determinados aspectos do Acampamento Nacional. É digno de destaque o facto da Região da Madeira, aquela que teria maiores dificuldades materiais na sua deslocação, ter apresentado um contingente de 51 escoteiros (rapazes e raparigas). O E.C. Regional, José Alberto Franco Castro, visitou o acampamento e acompanhou os membros da sua Região.

O Grupo nº 201, de Saint-Maur, arredores de Paris, compareceu com a presença de três escoteiros. Esta unidade é constituída por filhos de emigrantes portugueses.

O Grupo nº 103, de Portalegre, uma das mais recentes unidades, levou ao acampamento oito membros.

O Grupo com maior número de presenças em campo foi o nº 36, Lisboa, que teve 89 escoteiros acampados. Seguiu-se o nº 24, da Madeira, com 44; o 16, de Carcavelos, com 32; o 6, de Olhão, com 25; o 7, de Lisboa, com 19; o 8 de Lisboa e o 77 de Faro com 18 escoteiros cada. O nº 2, de Lisboa, teve 16 presenças; o 59, de Tavira, 14. Estiveram ainda presentes os Grupos nºs 4, 9, 14, 23, 28, 35, 38, 43, 44, 45, 53, 79, 81, 86, 91, 92, 94 e 101. Portanto, uma pequena parte do efectivo dos Escoteiros de Portugal.

Tivemos ocasião de conversar com os escoteiros de Espanha. Os 18 caminheiros desta representação eram dirigidos pelo caminheiro Juan Lopes Palop, filho de um dos dirigentes dos Antigos Exploradores de Espanha. Inquirido acerca do acampamento, disse-nos que se encontravam muito satisfeitos porque "a convivência estava sendo muito boa e que reinava grande fraternidade".

O ENCERRAMENTO

No domingo, dia 14, realizou-se a cerimónia do encerramento. Além das entidades que estiveram na inauguração e que voltaram a honrar o Acampamento com a sua presença, compareceram um representante do Ministério da Cultura; o eng. Carlos Pimenta, secretário de Estado do Ambiente, em representação do Ministro da Qualidade de Vida; o dr. Emílio Pires, director-geral do FAOJ; o comandante da Escola Prática de Infantaria; Velez da Costa, chefe nacional do Corpo Nacional de Escutas; D. Maria de Jesus Alcântara Mota, directora da Casa-Mãe do Gradil e diversos dirigentes e antigos escoteiros.

Foram distribuídos prémios e lembranças das diversas competições realizadas, tendo o escoteiro-chefe nacional felicitado os escoteiros pela actividade que se encerrava.

O acampamento terminou com a canção do Adeus, enquanto centenas de lenços se agitavam numa comovente cerimónia de despedida.

SINTRA

JUBILEU DO GRUPO Nº 93 – SINTRA

Os Escoteiros de Portugal do Grupo nº 93, de Sintra, comemoram em 24 de Junho do próximo ano o 50º aniversário da sua fundação. O "93" pretende assinalar devidamente a passagem de meio século de existência, efeméride de grande significado, pelo que prepara já o respectivo programa de comemoração.

Para angariar fundos para as despesas festivas, o "93" acaba de editar autocolantes comemorativos, que podem ser solicitados para a sua sede, na Rua João de Deus, 2 – 2710 Sintra, ao preço de Esc. – 22$50 cada exemplar. Estes autocolantes vão também ser postos à venda no SMU, da Associação dos Escoteiros de Portugal, na Trav. das Galeotas, 1, à Junqueira.

O grupo vai também editar uma medalha comemorativa, recebendo desde já inscrições para reserva da mesma. O seu preço será Esc. 200$00 e 150$00, respectivamente para cobre oxidado e alumínio. O Grupo mandará executar o número de medalhas correspondente às reservas feitas.

COISAS DO NORTE

continuação da pág. 3

escoteiros ali têm acampado e nunca houve qualquer problema. Pode dizer-se que constituiu uma boa propaganda para os escoteiros a participação na procissão das velas em honra de N. S. do Bonfim e o desfile para aposição de flores aos patronos do Grupo e de uma Patrulha, bem como no monumento ao C.N.E.

É lamentável a atitude dos elementos do 41; que a meio da manhã do dia 28 abandonaram o campo.

Mas o grupo nº 26 fez a sua actividade o que fica como estímulo para que outros grupos desta Região sigam o exemplo.

Fazem-se votos para que o 26 volte a fazer a sua actividade e que de ano para ano melhore e sejam corrigidos lapsos que este ano se registaram.

Parabéns pela actividade ao EC Manuel Leite. – *P. N.*

★

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

A cobrança de assinaturas por via postal está inteiramente posta de parte porque as taxas aplicáveis são proibitivas para pequenas importâncias.

Um título de cobrança paga presentemente 50$00 de registo, mais 16$00 de porte, e 35$00 por cada recibo. Esta despesa é inteiramente perdida se o recibo não puder ser cobrado, mesmo se o destinatário estiver ausente.

Portanto, hoje mais do que nunca, "Sempre Pronto" terá de ser uma obra fruto da melhor colaboração entre os seus leitores, administração e redacção.

Se o prezado Assinante quiser continuar a receber o seu Jornal terá de fazer o favor de nos remeter o valor da sua assinatura em cheque, vale do correio, selos postais de 16$00, ou fazer o seu depósito na Caixa Económica Portuguesa, da Caixa Geral de Depósitos, à ordem de "Sempre Pronto", conta nº 3732836, Rua Áurea, Lisboa.

Se não lhe interessa o jornal, ainda assim nos prestará um grande favor dando-nos a conhecer esse facto, porque nos evita despesas.

Contamos com a sua ajuda. Mande-nos as suas notícias.

A Administração

DE MÊS PARA MÊS



"SER OU NÃO SER"

A Lei do Escoteiro não é um simples formulário de normas ou regras. Baden-Powell criou aquele decálogo iniciando cada artigo por "o escoteiro é". É verdadeiro, é leal, é cortês e assim por diante.

Cada artigo marca uma faceta do carácter escoteiro. Não se pode ser escoteiro e negar qualquer destes proncípios, mas há um, de entre todos, que distingue de forma especial o escoteiro – é a lealdade.

Se o escoteiro é leal também é verdadeiro, cortês, amigo de todos, obediente, etc. Se não é leal, decididamente não é escoteiro.

EFEMÉRIDES

OUTUBRO

Dia 10 – 1º aniversário do Grupo nº 103 – Portalegre.

Dia 24 – 25º aniversário do Grupo nº 14 – Algés.

* * *

UM APELO

NA BURACA (AMADORA)

A entrevista, que publicámos no último número acerca da construção da sede do Grupo nº 88 dos Escoteiros de Portugal, despertou merecido interesse de muitos leitores, que se têm dirigido à Buraca para apreciar a obra.

Os trabalhos de acabamento têm prosseguido a bom ritmo, mas o Grupo nº 88 faz apelo a Escoteiros e Antigos Escoteiros para que o apoiem na obtenção de fundos para acabar rapidamente a construção.

Quem ajuda o Grupo nº 88? Os rapazes merecem apoio.



PUBLICAÇÕES ESCOTEIRAS

"MAIS ALÉM"

O Grupo nº 53, de Braga, publicou mais um número policopiado do seu boletim "Mais Além", referente a Junho.

"UNINFORM"

O Grupo Escoteiro Universal, de Aracaju, Sergipe, no Brasil, iniciou, com o número Zero, e publicação do seu boletim "Uninform", para o qual desejamos muito êxtio.

Agradecemos as duas visitas.

ACAMPAMENTO NACIONAL

A Direcção Nacional da Associação dos Escoteiros de Portugal reuniu em 30 de Junho passado, tendo ouvido um relatório verbal do E.C. António Mira Calhau acerca da organização do Acampamento Nacional e apreciado um orçamento para o mesmo apresentado pelo E.C. Nacional, eng. Nobre Santos.

Desejava a Direcção Nacional assegurar que o Acampamento Nacional fosse uma actividade de bom nível escoteiro, acessível na fase actual dos Escoteiros de Portugal. Porém, perante os dois relatórios, a Direcção deliberou que o Acampamento fosse adiado para o próximo ano, aproveitando todo o programa elaborado, de forma a realizar uma actividade de qualidade.

"Sempre Pronto" encontrava-se já em impressão, mas foi possível ainda, em notícia de "Última Hora", dar conhecimento da decisão aos seus leitores, no desejo de bem informar.

O Presidente da Direcção partiu para o Brasil no dia seguinte, pelo que o cargo seria assumido, por norma estatutária, pelo Escoteiro-Chefe Nacional.

A decisão decepcionou aqueles que se preparavam para participar no Acampamento, pelo que foram feitas diligências junto da organização da actividade. Feita a revisão do assunto, a Chefia Nacional resolveu realizar o acampamento a partir da situação verificada, tendo o E.C. Mira Calhau pedido escusa do cargo de chefe do acampamento. O Acampamento Nacional, portanto, foi realizado. É admirável a capacidade que todos têm para a improvisação. A actividade correu bastante bem e os seus dirigentes conseguiram superar as dificuldades e foram de uma dedicação extrema.

Naturalmente, é imperioso acabar com as improvisações. Os Escoteiros de Portugal terão de organizar o próximo Acampamento Nacional com os melhores projectos, boas estruturas e excelentes programas. A organização de um Acampamento Nacional começa nos grupos, continua nas Regiões, e os Serviços Centrais têm de se constituir em organismo de cúpula que coordena e impulsiona toda essa acção. Mas temos de acabar com o improviso.